

a cidade de hoje:

*performatividade
cidadania e
bem comum*

resumos

colóquio

11. dezembro
sala de reuniões 1

10h00
convidados

Alexandra Abranches
CEHUM- UM
Álvaro Domingues
CEAU-Faup
Andreia Garcia
CiAUD- UBI
Nuno Fonseca
IFILNova

15h00
mesa redonda
investigadores do PPS - IF

17h30
discussão pública

Organização
Research Group Philosophy & Public Space
Gisela Rebelo de Faria
Institute of Philosophy of the University of Porto - FIL/00502
Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)z

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

IF Instituto
de
Filosofia
UNIVERSIDADE
DO PORTO

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

painel de convidados

Animais na cidade

Alexandra Abranches

Departamento de Filosofia - UM

Resumo

Proponho uma reflexão sobre o futuro da convivência entre humanos e animais na cidade, à medida que o território urbano se expande e o território a que chamamos natural diminui. Esta diminuição não diz respeito apenas à dimensão espacial do território. Inclui a perda de recursos capazes de sustentar várias espécies que, historicamente, mantemos separadas do espaço humano ou, dentro dele, sob controlo. A convivência e a divisão de trabalho entre animais humanos e não humanos está, pois, em transformação. O trabalho filosófico em ética animal e o trabalho científico sobre competências mentais dos animais não humanos, seja cognitivas, seja emocionais, seja comportamentais, fornecem à reflexão sobre esta mudança e suas implicações para a vida nas cidades um enorme contributo. Do ponto de vista teórico-normativo, assistimos a uma viragem política na ética animal, de que é exemplo relevante *Zoopolis*, uma obra de Sue Donaldson e Will Kymlicka. Tanto as mudanças empíricas como as mudanças teóricas que constatamos, exigem, entre outras coisas, que olhemos para a hegemonia humana que a cidade reflecte e, eventualmente, que ponderemos até que ponto uma inclusão na cidade de animais não humanos mais ampla e qualitativamente diferente da actual seria possível ou, até, desejável.

Biografia

Alexandra Abranches é Professora Auxiliar do Departamento de Filosofia da Universidade do Minho. Interesses de investigação incluem a História da Ética, em particular as tradições naturalistas e racionalistas que derivam de Hobbes e as tradições naturalistas e sentimentalistas que culminam em Hume; temas de meta-ética, particularmente psicologia e motivação moral; a metafísica do livre-arbítrio; o pragmatismo clássico; a história da filosofia moderna; mulheres filósofas da idade moderna e a filosofia feminista. Enquanto docente do Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, leccionou as disciplinas de Ética, Filosofia Política, História das Ideias Políticas e Sociais, Filosofia Moderna, Filosofia Contemporânea, Antropologia Filosófica, Estética, Filosofia da Mente e Metafísica. Dissertação de doutoramento incidiu sobre a filosofia moral de David Hume. Publicou um livro sobre o pragmatista americano Charles Sanders Peirce como resultado da sua dissertação de mestrado. Correntemente, prepara projecto de uma colecção de edições críticas de mulheres filósofas dos séculos XVII e XVIII.

A cidade de hoje: performatividade, cidadania e bem comum – uma equação em construção

Álvaro Domingues

CEAU - Faup

Resumo

Habitualmente pensa-se cidade como um lugar com forma, centro e limite bem definidos. A cidade possui um nome, uma história, um legado de acontecimentos e imaginários que são constantemente revisitados e que constituiriam uma identidade, uma relação de pertença, um dispositivo agregador de um colectivo. Cidadania e bem comum são, por outro lado, denominações que implicam a existência de códigos formais de vinculação jurídica ou, noutros casos, de valores éticos e morais partilhados e respeitados.

Coisa diferente é a urbanização, os seus múltiplos lugares e espacialidades, bem como as vivências, as sociabilidades, os vínculos identitários que fazem corresponder a cidadania e o território, ou que se inscrevem no espaço público virtual e nos seus recortes incertos. Em modo ultraliberal e em sociedades fracturadas, torna-se difícil imaginar a cena. É isso que perturba a equação.

Biografia

Álvaro Domingues (1959), é Geógrafo, doutorado em Geografia Humana e Prof. Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, FAUP nos cursos de Mestrado Integrado e Doutoramento, e investigador do CEAU, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP. Entre outras obras é autor de *Paisagem Portuguesa* (com Duarte Belo, FFMS, 2022), *Portugal Possível* (com Duarte Belo e Rui Lage, Museu da Paisagem, 2023), *Paisagens Transgénicas* (Museu da Paisagem 2021), *Volta a Portugal* (Contraponto, Lisboa, 2017), *Território Casa Comum* (com N. Travasso, FAUP, Porto, 2015), *A Rua da Estrada* (Dafne, Porto, 2010), *Vida no Campo* (Dafne, Porto, 2012) e *Políticas Urbanas I e II* (com N. Portas e J. Cabral, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003 e 2011), *Cidade e Democracia* (Argumentum, Lisboa, 2006). É membro da correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Escreve no jornal Público.

Urbanismo ecológico

Andreia Garcia

CiAUD- UBI

Resumo

“A ecologia, um ramo das ciências biológicas, esforça-se por compreender as relações de interdependência no mundo natural e, por vezes, por conceber estratégias para a sua preservação. Como tal, evidentemente, informa os reguladores ambientais e, assim, impõe algumas restrições à atividade de desenvolvimento. O planeamento urbano, por outro lado, existe para fornecer análises ao serviço da ação, e as suas principais preocupações têm sido historicamente económicas - procurar e facilitar o desenvolvimento, ao mesmo tempo que se esforça por preservar e aumentar o valor de mercado dos investimentos imobiliários existentes.” (FORMAN, Richard. *Urban Regions, Ecology and Planning Beyond the City*)

No contexto esperado para os próximos 25 anos, de mais dois mil milhões de pessoas a somar aos já três mil milhões a viver em áreas urbanas, no decurso do consumo de energia a implodir mais rapidamente do que a sua produção, com os impactos devastadores para o ambiente deste consumo, no seguimento do aquecimento global e da constante escassez de água doce na biodiversidade, esta comunicação apoiada em vários autores, irá abordar princípios sobre formas de planeamento verde, ou soluções de sistemas naturais, considerando os valores ecológicos não como constrangimentos, mas como participantes na estratégia de um planeamento resiliente. Em suma, *a cidade de hoje* encontra-se perante grandes desafios. Falaremos sobre os motivadores para a evolução das próximas ideias.

Biografia

Andreia Garcia é arquiteta doutorada, curadora e professora. Os seus interesses focam-se na prática contemporânea da arquitetura numa era marcada por fortes avanços tecnológicos e uma progressiva crise ecológica. Foi docente na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e na Architectural Association. É professora e vice-presidente da Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior. É fundadora do atelier Architectural Affairs, da Galeria de Arquitectura e diretora da Bienal art(e)facts. É curadora da representação portuguesa na 18.ª Exposição Internacional de Arquitectura – La Biennale di Venezia 2023.

Sentidos comuns em lugares comuns: a experiência estética partilhada

Nuno Fonseca

CE IFILNOVA

Resumo

Na tradição filosófica ocidental, a noção de experiência estética tem sido maioritariamente pensada como uma experiência sensível e desinteressada de um sujeito diante de um objecto (um artefacto, uma obra de arte mas também um fenómeno natural, um pôr-do-sol ou uma paisagem). Pelo menos desde a segunda metade do século XX (mas devido, em parte, a contributos anteriores), revelou-se evidente que essa experiência não se deve limitar à experiência dos objectos artísticos, nem sequer à experiência de objectos *simpliciter*. Uma nova perspectiva ecológica ou ambiental fez perceber que a experiência estética envolve uma interacção dinâmica entre um agente e o meio ambiente em que se encontra, que a torna numa experiência situada e encarnada, mas também acentrada e multi-sensorial. Porém, nos lugares urbanos, lugares onde se partilham (e competem) sensações, sentidos e sensibilidades distintas, revelam-se ainda outras dimensões – virtualmente comuns - dessa experiência: sociais, culturais, éticas e políticas. Convém, pois, pensar que condições e que consequências produzem estas dimensões da experiência comum na compreensão do que sejam os actos e os valores estéticos na cidade contemporânea.

Biografia

Nuno Fonseca (n. 1974) é atualmente investigador integrado do Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA) e, dentro do Culturelab, coordena o grupo “Estética e Filosofia da Arte”. Investiga vários tópicos da Estética e Filosofia da Arte (experiência, conceitos e valores estéticos) tanto no contexto das artes, onde se dedica sobretudo às artes sonoras, como no contexto do espaço urbano e do quotidiano.

Lecionou, na NOVA FCSH, a disciplina de “Retórica e Argumentação” (2012–2014), no curso de Ciências da Comunicação, o seminário “Arte e Experiência” (2012–2013), no âmbito do mestrado em Estética, e vários cursos de curta duração sobre a Filosofia dos Sons e das Artes Sonoras (2015–2018), tal como módulos dedicados à Lógica, Epistemologia e Estética. Desde 2021, co-leciona o curso “Urban Aesthetics: Philosophy, Art and the City”, oferecido no currículo internacional da faculdade.

Licenciado em Direito (1998) e em Filosofia (2004) pela Universidade de Coimbra, concluiu no ano 2012 o doutoramento em Filosofia (Epistemologia e Filosofia do Conhecimento) na NOVA FCSH, trabalhando sobre questões de representação e de percepção.

Para além de outras publicações nacionais e internacionais, coeditou os volumes *Morphology: Questions on Method and Language* (2013), *Conceptual Figures of Fragmentation and Reconfiguration* (2021), *Planos de Pormenor* (2023), *A cidade nas práticas artísticas* (2023) e está a preparar um livro coletivo *Rethinking the City: Reconfiguration and Fragmentation* que deverá ser publicado na Routledge durante o ano de 2024.

mesa redonda

investigadores PPS- IF

Democracia e Deliberação, o binómio da participação

Bruno Ribeiro Bré

IF - PPS

Resumo

Na obra *The Democratic Paradox* (Verso, 2000), de Chantal Mouffe, surge um capítulo intitulado: "For an Agonistic Model of Democracy" (pp. 80-107). Nesse mesmo capítulo, a abordagem deliberativa é apresentada como um modelo de política democrática que se afigura incapaz de reconhecer a incontornável dimensão do antagonismo democrático, visto que o escopo da sua ação pode levar a uma suavização do embate próprio das sociedades democráticas que é o embate entre posições políticas distintas. Na senda do pensamento de Chantal Mouffe, isto, porque, na senda do seu pensamento, a postulação da disponibilidade de uma esfera pública onde o poder seria progressivamente substituído por um consenso racional, contribui para a negação da dimensão de *undecidability* e de *ineradicability* de um modelo antagonista, cujo pluralismo de valores se configura como constitutivo do político. Pelo que, da sua análise resulta a afirmação de um modelo político democrático agonista, de modo a providenciar as condições necessárias ao dissenso como motor político.

No entanto, consideramos que o modelo democrático deliberativo, de matriz habermasiana, se encontra pouco trabalhado no decurso do seu escrito. De modo que, nesta comunicação, propomo-nos a refletir acerca do modo como a democracia deliberativa se encontra articulada com a possibilidade intrínseca de discussão dos problemas políticos emergentes, em nome de uma participação democrática efetiva.

Biografia

Bruno Ivo Ribeiro Bré (Porto, 1999). (2017-2020) Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (2020-2022) Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação "A Filosofia como atividade reflexiva - A importância de um fio condutor de carácter histórico-filosófico no ensino da Filosofia no Ensino Secundário.". (2022-presente) Programa Doutoral em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em regime de tempo integral. (2023-presente) Nomeado estudante-avaliador pela A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. (2023-presente) Integração do Grupo de Investigação PPS – Philosophy & Public Space, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

Corpo e cidade, sensíveis e performativos. Para uma reativação do político

Irândina Afonso

IF - PPS

Resumo

A tentativa de articulação entre a autocriação e a responsabilidade social, denota um desafio maior inscrito nas tensões do viver em comum. Está presente, por exemplo, na estruturação dicotômica dos vocabulários e das práticas da emancipação, do bem comum e da cidade (e.g., privado/público, centro/periferia, natural/cultural, corpo/mente, objetivo/subjetivo, particular/universal). Para esta proposta admitimos a sua intrincada e complexa articulação, a partir da performatividade política e da possibilidade de partilha do sensível (em que a experiência individual se entrecruza com as dos demais, como narrativa e como imaginação no apercebimento do comum, dos seus modos de visibilidade e de organização). Espera-se salientar a vantagem de uma recíproca “contaminação” entre autocriação e responsabilidade social, em prol da diversidade de exercício democrático e da exigente reconfiguração do espaço público contemporâneo. O corpo, enquanto a mais íntima das espacialidades, é redescoberto e colocado nuclearmente na produção de lugares reais e imaginados da cidade, mobilizando e produzindo espaços para o “poder ser de outro modo” que decorrem da participação criativa de diversos atores políticos, da exposição ao desconhecido e da própria cidade como sua condição de possibilidade. Corpo e cidade permitirão, assim, pensar como as ruturas e as descontinuidades podem ser politicamente transformadas de ónus e debilidade em oportunidade e força.

Biografia

Irândina Afonso é estudante do Programa Doutoral em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É bolsista de investigação em doutoramento pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Concluiu o Mestrado em Filosofia Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Licenciatura em Filosofia na mesma Faculdade. É investigadora do *RG Philosophy & Public Space* do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Unidade de I&D/FIL/00502). É membro da Rede Internacional *PaPSIN – Philosophy and Public Space International Network* e membro da *Red Internacional de Investigación Filosofía y Ciudad*.

Nos seus domínios de pesquisa incluem-se: políticas de identidade contemporâneas, filosofia da cidade e do espaço público, subjetividade contemporânea, estudos de género não-binário, pensamento social e político.

Para uma reflexão sobre o habitar contemporâneo: a distração como participação

Pedro Ferreira

IF - PPS

Resumo

A cidade pós-industrial ergueu-se, desde o início, sobre os pilares do desenvolvimento científico e tecnológico da Idade Moderna, de tal forma que já não parece possível pensar o habitar contemporâneo sem aludir às repercussões dessas mesmas inovações tecnológicas. Nesse sentido, Walter Benjamin (1892-1940), em "A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica" (1936), apresenta-nos não só os efeitos da técnica na transformação do conceito de arte, mas também, e sobretudo, o que isso pode significar para o aparelho perceptivo do sujeito, desde logo, porque inaugura um novo modo de receção da arte: a receção na distração. Nesta comunicação, procuramos, em primeiro lugar, esclarecer alguns dos pressupostos subjacentes a este novo modo de experiência estética próprio da cidade contemporânea, a saber, a distração. E, posto isto, avançamos para a possibilidade de, a partir daí, desenhar-se uma outra via para o habitar, a qual enseja na distração um modo particular de produção e apropriação do mundo e, por isso, de participação política dos indivíduos.

Biografia

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Doutorando no Programa Doutoral em Filosofia da Universidade do Porto e investigador bolseiro no *Philosophy & Public Space RG*, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto – FIL/00502, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

Os seus principais interesses de investigação incluem as áreas da Filosofia Social e Política, da Filosofia do Cinema e da Filosofia da Educação.

gmurda: pensar o lugar da ruína

Tiago Mesquita Carvalho

IF - PPS

Resumo

Nesta apresentação quero dar a conhecer o trabalho artístico do colectivo gmurda. Este colectivo é um grupo de ocupação e activação de estruturas abandonadas através de dinâmicas colectivas efémeras. Fundado em Lisboa no ano de 2012, gmurda vale-se da copiosa abundância de ruínas no território nacional, garantida há largos anos pela conjuntura política global e pelas sucessões opções políticas. A prática do colectivo interroga a crise do habitar própria à modernidade portuguesa e ao processo de terciarização, dos seus paradoxos, saltos em frente e becos sem saída. A actividade consiste na exploração sonora e performativa de estruturas arquitectónicas abandonadas do passado industrial, militar e religioso. Entre os projectos desenvolvidos destaca-se o conjunto residências artísticas "O Som e a Ruína" (2014-2017) apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em particular, esta apresentação deter-se-á na última exposição que sucedeu em Junho de 2021 na galeria Rampa, no Porto com o título "Trabalho Nenhum - Ruína e Paisagem Sonora no Porto Pós-Industrial".

Trabalho Nenhum é uma investigação sobre um território concreto: a arquitectura de destroços da periferia industrial do Porto, região do país onde, de uma forma mais contundente, se pode falar de ter havido, ainda que tardia, uma "revolução industrial". A transformação global do mundo do trabalho e as transformações demográficas parecem apontar para uma gradual abundância da ruína. Esta apresentação pretende explorar uma interrogação sobre a abundância da ruína em Portugal e da possibilidade da sua espacialidade ser compreendida não como uma negação do que havia, mas como espaço de direito próprio tomado pela natureza. Estamos e estaremos cada vez mais rodeados destes espaços imensos em ruínas, na vertigem de serem reapropriados por uma iminente valorização cultural ou turística. As ruínas existem, porém, num entretanto e para gmurda possuem a valência de serem um terreno incógnito de uma apropriação colectiva. A exposição "Trabalho Nenhum" é então a afirmação desse momento de vazio. O uso temporário de lugares abandonados e de ruínas justifica-se aliás por estes serem o lugar da suspensão das regras convencionais que determinam e comandam a ordem colectiva dos espaços, sejam eles domésticos, laborais ou de culto. O presente cada vez mais o da ruína e do aberto em inércia que ela guarda, um vazio latente onde é possível a instauração de novas ordens colectivas. A acção de gmurda consiste na exploração do potencial negativo, da ausência humana de lugares ainda subtraídos ao domínio produtivo.

Biografia

Tiago Mesquita Carvalho é membro do grupo de investigação Filosofia e Espaço Público do Instituto de Filosofia da FLUP com um projecto a respeito de catástrofes e responsabilidade. Tem uma licenciatura em Engenharia do Ambiente pelo Instituto Superior Técnico, um mestrado em Filosofia com uma tese em estética do ambiente e filosofia da natureza pela FLUL e um doutoramento subordinado à intersecção em ética das virtudes e filosofia da Tecnologia pela FCUL. Fez parte dos projectos FCT "Filosofia e Arquitectura da Paisagem" e "Eyehear - Mapas sonoros qualitativos para visualização de paisagens sonoras urbanas". Para além de artigos subordinados a estes temas, traduziu em 2017 o livro de Jan Gehl "A Vida entre Edifícios", publicado pela Tigre de Papel. Por fim, é também membro dos gmurda, um colectivo performativo de activação de ruínas e espaços abandonados. Em 2021 a Galeria Rampa exibiu a sua exposição "Trabalho Nenhum - Ruína e Paisagem Sonora no Porto Pós-Industrial".